

A VERDADE DA "CIÊNCIA" PSICANALÍTICA E A VERDADE DA FILOSOFIA: UMA INTRODUÇÃO

Léa Távora OCHS
Psicanalista

RESUMO

Atenta às diferenças epistemológicas entre os diversos campos do saber, a psicanálise lança mão, atualmente, de conhecimentos filosóficos e estabelece interface com as outras ciências. Este recurso - inaceitável na época do nascimento da psicanálise com Sigmund Freud - só foi conquistado a partir da obra de Jacques Lacan.

Este artigo pretende resumir a história da difícil inserção da psicanálise no campo do conhecimento, e algumas de suas causas.

RÉSUMÉ

Tout en étant attentive aux différences épistémologiques entre les divers champs du savoir, la psychanalyse peut, de nos jours, tirer parti des connaissances de la philosophie et établir des interfaces avec les autres sciences. Recours inadmissible lors de la naissance de la psychanalyse avec Sigmund Freud, il n'a été conquis qu'avec l'oeuvre de Jacques Lacan.

Cet article prétend résumer l'histoire de l'insertion difficile de la psychanalyse dans le champ des connaissances et de quelques unes de ses causes.

Verdade e ciência são conceitos básicos definidos pela filosofia, conceitos do terreno do conhecimento, conceitos profundamente enraizados na metafísica ocidental. O processo de *apreensão do ser* - que pode envolver todo o psiquismo, além de sua parte racional e consciente - leva ao *conhecimento*. Conhecimento é conhecimento da *verdade*. O conhecimento deveria ser conhecimento verdadeiro, *conhecimento do que verdadeiramente é*, pois conhecimento falso não é conhecimento, é ilusão.

A filosofia busca definir define o que é, e como se dá, o conhecimento. Por um lado, existe o

homem, um sujeito que capta o ser. Por outro lado, existe um ser, a coisa, um mundo a ser pensado, mundo composto de objetos. E existem as relações entre os sujeitos e entre estes e o ser, que também constituem este ser. Quando se faz a adequação entre a coisa e o pensamento dela, temos uma verdade.

Entre as diversas realidades e sua verdade começam a metafísica e a teoria do conhecimento, tentando entender qual a "participação" do mundo das manifestações (realidade mutável, múltipla, inconstante, que se mostra a nós) no mundo das

idéias, do *ser que é* (realidade imutável, fixa). Desde Platão, a metafísica ocidental tenta atingir a verdade do *ser que é*, o que deve passar através da cortina dos fenômenos. Ciência e filosofia serão modos de chegar à verdade, e a referência que estabelecem entre si estes dois conceitos, *ciência e verdade*, são extremamente importantes para a psicanálise.

OPOSIÇÃO DA PSICANÁLISE À FILOSOFIA

No que diz respeito às relações entre os dois campos do saber, que são a ciência e a psicanálise, o problema é histórico. Remonta à fundação da psicanálise. A ciência - campo onde Freud se coloca - opunha-se à filosofia no momento da formação da psicanálise, e apresentava-se como o único meio de conhecimento capaz de ter acesso à verdade.

A gravidade do problema fica demonstrada pela atitude ambígua de Freud a respeito da filosofia, cujas razões só puderam ser entendidas recentemente. Tal ambigüidade consiste em que, por um lado, Freud esforçou-se durante toda sua vida para caracterizar publicamente a psicanálise como pertencente ao domínio científico enquanto oposto à filosofia em objetivos e métodos. Contudo, documentos particulares e a atividade acadêmica de Freud mostravam uma posição bem diversa, uma ambição filosófica.¹

A questão de definir o campo da psicanálise não se encerra com Freud. Continua em pauta. Bem mais recentemente, Jacques Lacan abre seu Seminário de 1965-66 sobre "O objeto da psicanálise" exatamente com um artigo publicado sob o título de: "Ciência e verdade".² Para afirmar a pertinência da psicanálise entre as ciências, Lacan está melhor situado que Freud. A época é outra. A ciência tomou uma nova configuração, e a filosofia - fantasma que assombrava a ciência da época de Freud - também. Lacan lança mão, em sua contribuição à teoria psicanalítica, tanto de elementos filosóficos quanto de outras ciências, humanas ou não.

A oposição entre ciência e filosofia é fundamental para a ciência psicanalítica nascente. Sua legitimação dependia, naquele momento, de sua cientificidade. Mesmo depois do momento inicial, prevaleceu o critério biológico, médico, cientificista e positivista. Isto se pode atribuir

provavelmente ao fato de que a corrente psicanalítica de maior força foi, até certo momento, inspirada pela tradução inglesa da *Standard Edition* das obras completas de Freud,³ apesar dos protestos de Freud.⁴ Durante longo tempo, aos olhos do grande público, só a ciência foi verdadeira. E se a psicanálise não fosse científica, não poderia conter nenhuma verdade.

FREUD: ENTRE A FILOSOFIA E A CIÊNCIA

No momento da criação e no período inicial de afirmação da psicanálise, as ciências estavam em ascensão e a filosofia perdia a admiração do mundo cultural. A psicanálise não queria contato com a filosofia porque, naquele momento, a filosofia estava em desprestígio.

Da Antiguidade à Época Clássica, a filosofia foi sempre o estudo do ser, portanto o estudo de tudo: de todos os sujeitos, de todos os objetos, coisas em si e fenômenos, relações entre eles. Havia mesmo uma Filosofia da Natureza, que se voltava para o mundo natural. Tudo era objeto da filosofia.

Esta amplitude do campo de estudo da filosofia manteve-se até Kant, que negou a possibilidade de conhecimento da coisa-em-si. Para a filosofia, sobrou então apenas o estudo dos fenômenos, os mesmos fenômenos que constituirão o território das ciências.

O grande fosso entre a filosofia e as ciências começou a abrir-se um pouco mais tarde, quando, na metade do século XIX, o último grande sistema filosófico, o de G.W.F. Hegel, começou a perder seu prestígio. Com ele, enfraquece-se toda a filosofia. Enquanto isto desenvolveram-se e individualizaram-se as ciências da natureza, a história tomou outro aspecto como conceito hegeliano de devir, e este abriu caminho para as ciências humanas.

Com sua individualização, as ciências da natureza vieram a dominar o estudo da parte do ser acessível ao homem (o fenômeno), apoderando-se do único lugar deixado à filosofia por Kant, depois que este a excluiu do pensamento do que chamou número por posição ao fenômeno. Restava apenas, como objeto da filosofia, o estudo das próprias ciências. A filosofia reduz-se a um conhecimento do conhecimento, a uma teoria do conhecimento, a uma epistemologia.

A situação acadêmica na Universidade de Viena, na qual Freud estudou e da qual veio a tornar-se professor, exemplifica a situação. Desde 1804, os estudantes de medicina daquela universidade deveriam fazer estudos filosóficos de três horas semanais, durante três anos. Em 1873, ano em que Freud ingressou na Universidade, esta obrigação foi revogada.

E contudo sabe-se que a filosofia encaminhou Freud para a medicina. Antes de tomar sua decisão, Freud ouviu uma palestra sobre um ensaio de Goethe intitulado *A natureza*, de cunho panteísta. Ora, panteísmo é uma concepção filosófica segundo a qual tudo o que existe se identifica com um Deus, mas um ser imanente ao universo do homem. Este panteísmo de Goethe é uma visão filosófica da natureza, e Freud viu-se seduzido pela concepção totalizadora deste ensaio. Durante o seu curso de formação profissional, Freud conservou vivo o interesse pela filosofia que o havia, por um caminho indireto, levado à medicina. Fez vários semestres de filosofia com Franz Brentano, famoso filósofo e psicólogo.

Freud começou a trabalhar no campo da ciência natural pura: faz fisiologia do sistema nervoso, histologia, tornando-se um neuro-anatomista extremamente capaz. Ao voltar-se para o problema das neuroses, Freud o fez pelo método das ciências naturais e com um profundo conhecimento delas: seu método é fenomenológico, sendo a parte empírica ou factual da psicanálise fundada na observação. Mas Freud não se prendeu ao modelo inicial. A compreensão dos fenômenos naturais dos quais se ocupa a psicanálise exigiu a formação de um aparelho conceitual, e Freud criou novas hipóteses e novos conceitos.

Depois de trabalhos na área específica da neuro-fisiologia, Freud publicou textos importantes que, do campo da ciência “natural”, serão transpostos a um novo modelo, tornando-se fundamentais para a teoria psicanalítica. O modelo neuro-fisiológico de *Uma contribuição à concepção das afasias* (1891)⁵ servirá de base à concepção freudiana da linguagem. Em *Algumas considerações sobre as paralisias motoras orgânicas e histéricas* (1893),⁶ está o modelo nervoso, anatômico, perfeitamente descrito enquanto incapaz de explicar as paralisias histéricas, e a passagem a um novo modelo. A incapacidade do modelo do corpo para

explicar os fenômenos exige sua transposição ao modelo lingüístico, que dá conta do problema. As idéias lançadas em *Projeto de uma psicologia para neurologistas* (1895),⁷ que estarão presentes em toda a obra freudiana, haveriam de ser retomadas no célebre Capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*.⁸

AMBIGÜIDADE DE FREUD: ATRAÇÃO PELO PENSAMENTO FILOSÓFICO

Além da carga pesada dos estudos médicos, até 1876 Freud frequenta os seminários de Franz Brentano. Por indicação do mesmo Brentano, Freud traduz um volume das obras completas do filósofo John Stuart Mill.

Freud tem ambições para sua noiva, Martha Bernays, e sonhos a realizar em sua companhia. É por meio da filosofia que Freud pretende uma esposa participante em suas atividades intelectuais. Em 1880, expressa o desejo de redigir para Martha Bernays um “A.B.C. Filosófico”.⁹ Em 1882, escreveu: “A filosofia, que sempre imaginei como um fim e um refúgio para minha velhice, me atrai cada dia mais”.¹⁰ Ao seu amigo Fliess, que partilhava intensamente de todos os seus planos, igualmente escreveu: “Em meus anos de juventude, eu não aspirei senão conhecimentos filosóficos e agora estou a ponto de realizar este desejo, passando da medicina à psicologia”.¹¹ E mais tarde: “Nutro, no fundo de mim mesmo, a esperança de atingir (...) meu primeiro objetivo: a filosofia. (...) É a isto que eu aspirava desde antes de ter compreendido porque eu estava no mundo”.¹²

AMBIGÜIDADE: REPÚDIO À FILOSOFIA

Na época de Freud, alguns fatores tornavam importante a definição da psicanálise como uma ciência. A psicanálise é uma ciência natural vez que seu objeto é natural: o ser humano, só que visto por ela em sua esfera psíquica. No entanto, trabalhando com o conceito de inconsciente, a psicanálise não é uma psicologia.

É preciso proteger-se do desprestígio da filosofia. Mas a oposição entre a psicanálise e a filosofia da época de Freud tem ainda outros motivos. O consciencialismo da filosofia dominante tornava inviável admitir-se a existência de um inconsciente,

descoberta de Freud na qual se fundava a psicanálise. Para a filosofia consciencialista, tudo o que era psíquico tinha de ser consciente, ou passível de se tornar consciente. O que não fosse consciente não era considerado psíquico.

O inconsciente psicanalítico era mais do que uma parte da consciência, parte desconhecida por ela, mas capaz de torna-se conhecida. O inconsciente psicanalítico é uma parte do psiquismo regida por leis alheias às da consciência, resistente a tornar-se consciente, e só o fazendo sob condições muito especiais.

O segundo motivo de repúdio da psicanálise à filosofia passava pela escolha metodológica. A filosofia especulava, afastando-se dos dados em suas construções, enquanto a psicanálise queria manter-se no método empírico, característico das ciências. Quando o método da filosofia é a especulação, a inteligibilidade absoluta do mundo deve ser conseguida a partir de alguns conceitos fundamentais. Mas, ao definir o método da sua ciência, {13} Freud descreve o método de qualquer conhecimento válido, que parte dos fenômenos isolados, singulares, e os “pensa”, descobrindo suas leis e regras, formando conceitos, indo do singular à teoria e vice-versa.

O terceiro grande motivo da oposição à filosofia feita pela psicanálise é a ambição daquela à universalidade. Um sistema filosófico pretende “conceber a totalidade do mundo” de modo completo, atingir verdades universais. A psicanálise, ciência, diz-se modesta em seus objetivos, sempre inacabada, sempre pronta a modificar suas teorias. O alcance da ciência - sua verdade, a verdade que ela pretende atingir - é limitada e transitória.

OBJEÇÕES ÀS OBJEÇÕES DE FREUD À FILOSOFIA

Hoje, a posição das ciências mudou. Primeiro, a ciência radicalizou ainda mais sua posição. Chegou-se à exigência de que as ciências excluíssem a participação do observador e fossem capazes de repetir a mesma experiência, em iguais condições. Neste sentido, a ciência chegou a eliminar completamente de seu meio a psicanálise, apesar dos esforços de Freud. Atualmente, os novos rumos das ciências permitem-lhes serem especulativas.

A especulação é criticada por Freud como método filosófico, enquanto a ciência pretende

manter-se colada aos fatos. Esta separação metodológica é superada quando, partindo de dados fenomênicos e de suas leis de menor abrangência, Freud sente a necessidade de especular e universalizar. O mundo empírico, para ser entendido, pede a especulação e sugere leis gerais. A *Metapsicologia* (1915)¹⁴ e *Para além do princípio do prazer* (1920),¹⁵ de Freud, são monumentais especulações, e apresentadas por Freud como tais.

Quanto às “visões de mundo” de que Freud acusa a filosofia, fica difícil não nos surpreendermos na própria teoria psicanalítica. Se pensamos que em *Para além do princípio do prazer*, uma vida sai do inorgânico e tende a voltar a ele, e, dentro mesmo das correntes psicanalíticas, se comparamos o dualismo pulsional de Freud - um Sujeito dividido entre a pulsão de vida e a pulsão de morte - com a teoria de Winnicott, por exemplo, em que há apenas uma tendência construtiva, deparamo-nos, evidentemente, com duas “visões de mundo” opostas.

Do lado da filosofia, a aparente incompatibilidade com a psicanálise está sendo resolvida, de fato, no território do pensamento de Hegel, expoente maior da filosofia tradicional e representante de todas as dificuldades de harmonização ou colaboração entre filosofia e ciência na época de Freud. Se examinamos hoje o consciencialismo, vemos nas leituras mais modernas da filosofia de Hegel uma Consciência na *Fenomenologia do espírito* que é um sujeito humano,¹⁶ e, como tal, pode conter todo o aparelho psíquico de Freud (Pré-Consciente/Consciente e Inconsciente).

No que se refere ao método aberto ou não a novas experiências, que impediria a aproximação entre filosofia e a psicanálise, sabe-se hoje que o sistema de Hegel não é um sistema fechado. O pensamento hegeliano pretende a universalidade, sim, mas está sempre reformulando-se, aberto a novos dados.

Esta nova leitura de Hegel está permitindo, na França, uma interface com Freud e a pesquisa clínica psicanalítica. O movimento de resgate de Hegel para aplicação na psicanálise foi iniciado por Jacques Lacan, já em 1954. As manifestações psíquicas que Freud descreve e chama de “negações” - e outras recentemente identificadas - são examinadas à luz da teoria hegeliana do “trabalho do negativo”.¹⁷

A VERDADE DA PSICANÁLISE E A VERDADE DO SUJEITO

Falamos do que foi a verdade da ciência que a psicanálise reivindicou para si, contra o que seria a verdade da filosofia.

A teoria psicanalítica enfrenta o problema da verdade em dois planos. O primeiro, nitidamente definido pelos próprios fundamentos da teoria, é o da verdade do discurso do sujeito. Para a psicanálise, a verdade do sujeito não está no discurso consciente, no que o sujeito sabe ou pensa saber. O discurso consciente tem lacunas e distorções cujo sentido só pode ser encontrado no inconsciente. A verdade do sujeito portanto tem de ser procurada no inconsciente.

O segundo plano é o da verdade da teoria. O que a psicanálise diz do sujeito é o que ele verdadeiramente é? As afirmações da psicanálise sobre o sujeito, a partir do conceito de inconsciente, são verdadeiras?

Freud declarava que a ciência era, na época, o único modo de atingir a verdade. Mas a noção de verdade em Freud é problema não resolvido. Numa primeira posição teórica, Freud segue a corrente tradicional da filosofia, dizendo que verdade é a “adequação da coisa ao intelecto”. A correspondência dar-se-ia entre a coisa-em-si (o mundo de objetos que existiriam independentemente da percepção) e esta mesma coisa quando pensada, representada no sujeito.

O conhecimento aspira atingir a concordância com a realidade, isto é, com o que existe fora de nós, independentemente de nós. Esta concordância com o mundo exterior, real, nós chamamos de verdade.¹⁸

Em outro momento da teoria, esta realidade vai ser considerada por Freud como uma realidade psíquica, formada de algum modo na interação entre as pulsões, internas ao sujeito, e a história de seus objetos, estes sim, com um pé na exterioridade.

Chega-se então a Lacan, e sua lição do Seminário de 1965-66 com este mesmo título: “Ciência e Verdade”. A filosofia hegeliana que tanto ameaçava Freud, não perturba Lacan, que valeu-se de todos os meios a seu alcance: conceitos filosóficos e científicos. Tendo estudado o pensamento de Hegel de 1933 a 1939, nos cursos de

Alexandre Kojève na École Supérieure des Hautes Études, Lacan chegou mesmo a declarar-se hegeliano durante algum tempo.

Lacan remete o surgimento da ciência moderna a Descartes, iniciador da filosofia moderna, e ao sujeito que lhes corresponde. Quando Descartes duvida do saber estabelecido, resta um Sujeito cuja certeza de existência está reduzida ao ato de pensar. Este sujeito vazio fica então dividido entre o saber que abandonou e a verdade. Este é para Descartes o sujeito da ciência, na cisão entre o antigo sonho de saber e a experiência de satisfação, sempre incompleta. Total subversão do conceito de verdade: com a psicanálise, a verdade passa a estar onde não se sabe.

NOTAS

(1) As referências às ambições filosóficas de Freud datam do início de sua carreira. Mas é certo que suas obras que falam a favor do método especulativo e da ambição de universalidade são bem tardias.

(2) Lacan, Jacques. “La science et la vérité”, in J. Lacan, *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, pág. 855.

(3) Freud, Sigmund. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis, 1963, 24 vols.

(4) É interessante notar que, mesmo afirmando a cientificidade da psicanálise, Freud não queria reservá-la ao exercício dos médicos. Freud, Sigmund. “La question de l’analyse profane”. *Oeuvres Complètes*, vol. XVIII, pág 2. Paris, PUF, 1994.

(5) Freud, Sigmund. *Contribution à la conception des aphasies - une étude critique*. Paris, PUF, 1983.

(6) Freud, Sigmund. “Some points for a comparative study of organic and hysterical motor paralyzes”. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis, 1966, pág. 157.

(7) Freud, Sigmund. “Project for a scientific psychology”. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis, 1966, vol. 1, pág. 283.

(8) Freud, Sigmund. “The Interpretation of dreams”. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis, 1966, vol. 5, pág. 509.

(9) Jones, Ernest. *La vie et l’oeuvre de Sigmund Freud*. Paris, PUF, 1970, t.1, pág. 190.

(10) Freud, Sigmund. *Correspondência de amor e outras cartas*. Rio, Nova Fronteira, 1960.

(11) Freud, Sigmund. *Correspondência de amor e outras cartas*. Rio, Nova Fronteira, 1960.

(12) Apud Assoun, Paul-Laurent. *Freud - la philosophie et les philosophes*. Paris, PUF, 1976, pág. 16.

(13) Freud, Sigmund. “Pulsions et destin des pulsions”. *Oeuvres Complètes*, vol. XIII, pág 163. Paris, PUF, 1988; e “Nouvelle suite des leçons d’introduction à la psychanalyse”. *Oeuvres Complètes*, vol. XIX, pág. 259. Paris, PUF, 1995.

(14) Freud, Sigmund. "Métapsychologie". *Oeuvres Complètes*, vol. XIII, pág 157. Paris, PUF, 1988

(15) Freud, Sigmund. "Au-delà du principe du plaisir". *Oeuvres Complètes*, vol. XV, pág. 273. Paris, PUF, 1996.

(16) Jean Hyppolite emprega o termo Sujeito para falar desta Consciência. Cf. Hyppolite, Jean. *Logique et existence*. Paris, PUF, 1952.

(17) O resgate do "trabalho do negativo" de Hegel no artigo *A negação* de Freud, inicialmente feito por Jacques Lacan com o apoio do filósofo hegeliano Jean Hyppolite, está sendo levado adiante por um numeroso grupo de psicanalistas não lacanianos, membros da *Association*

Psychanalytique de France e da *Société Psychanalytique de Paris*. Ver: Freud, Sigmund. "La négation". *Oeuvres Complètes*, vol. XVII.

Paris, PUF, 1992; Lacan, Jacques. "Introduction et réponse à un exposé de Jean Hyppolite sur la *Verneinung* de Freud", in Jacques Lacan, *Le séminaire*, livro I: Les écrits techniques de Freud. Paris, Seuil, 1975; Hyppolite, Jean. "Commentaire parlé sur la *Verneinung* de Freud", in Jacques Lacan, *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.

(18) Freud, Sigmund. "Nouvelle suite des leçons d'introduction à la psychanalyse". *Oeuvres Complètes*, vol. XIX, pág. 259. Paris, PUF, 1995, pág. 255.